

**RELATO DE EXPERIÊNCIA DE CAMPO DA DISCIPLINA GEOGRAFIA REGIONAL DA PARAÍBA**

Jossandra Gonçalves dos Santos<sup>(1)</sup>, Michell Leonard Duarte de Lima Tolentino<sup>(1)</sup>, Elton Oliveira da Silva<sup>(2)</sup>, Emília de Rodat Fernandes Moreira<sup>(3)</sup>.

Centro de Ciências Exatas e da Natureza/Departamento de Geociências/MONITORIA

**RESUMO**

Este artigo constitui um produto de um trabalho de campo desenvolvido no programa da Monitoria junto à disciplina Geografia Regional da Paraíba ministrada pela Profa. Emília Moreira. Nele pretende-se demonstrar, como é possível através do trabalho de campo, compreender o espaço enquanto totalidade, o território como espaço apropriado e a paisagem como uma porção do espaço historicamente determinado que, enquanto tal, reproduz a sua lógica. A metodologia adotada constou de um planejamento que compreendeu: a) definição do objetivo do trabalho; b) escolha da área de estudo, de um município e de áreas para realização de estudos focais e de exercícios de pesquisa direta; c) treinamento dos alunos para elaboração de questionários de pesquisa e para sua aplicação; d) estabelecimento de contatos para alojamento e para possibilitar o estudo focal. Além da bibliografia adotada na disciplina, utilizou-se mapas rodoviários, mapas temáticos, cartas topográficas, máquinas fotográficas, gravadores e cadernos de campo. O trabalho de campo compreendeu quatro unidades espaciais do estado da Paraíba: Zona da Mata, Agreste, Borborema e Sertão. Foram trabalhados de forma integrada os aspectos naturais e humanos. Na Zona da Mata, além do estudo do processo histórico de produção do espaço utilizando a paisagem como elemento concreto e abstrato para esta compreensão, visitou-se a comunidade Juracy Camargo, município de Santa Rita, onde se fez uma investigação sobre as condições de vida e trabalho da população. No Agreste, além do estudo da paisagem, efetuou-se uma visita ao Museu do Algodão em Campina Grande. Na Borborema o estudo deu ênfase à região do Seridó e no Sertão, à região de Patos, à Serra do Teixeira e ao estudo focal no município de Itaporanga. Como resultado pôde-se confirmar o que foi ensinado em sala de aula: que o espaço produzido socialmente constitui “o resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais” (SANTOS, 1996: p.71). “Enquanto tal, não é algo dado e acabado, mas algo dinâmico, determinado historicamente, um produto da ação do homem sobre a natureza e das relações que se estabelecem entre os homens através do processo de trabalho ao longo do tempo histórico” (MOREIRA, 2006: p.10). Desta forma o espaço paraibano como afirma Moreira, não é “um espaço neutro, nem amorfo, nem destituído de vida. Ao contrário, enquanto fruto do trabalho é algo dinâmico, em constante processo de transformação, prenhe de historicidade.

**Palavras Chave:** Paraíba, Trabalho de Campo, Paisagem Regional.

<sup>1)</sup> Bolsista, <sup>(2)</sup> Voluntário/colaborador, <sup>(3)</sup> Orientador/Coordenador <sup>(4)</sup> Prof. colaborador, <sup>(5)</sup> Técnico colaborador.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo faz parte das atividades desenvolvidas no programa da Monitoria durante o período 2007.1 junto à disciplina Geografia Regional da Paraíba, ministrada pela professora Dra. Emília de Rodat Fernandes Moreira.

O trabalho de campo se configura na Geografia como uma ferramenta que vai em busca da realidade, não se atendo somente a aparência dos fatos, mas à busca da sua essência. Neste contexto o trabalho de campo:

(...) como toda e qualquer atividade investigativa exploratória que ocorre fora do ambiente escolar, é um tipo de atividade que é na maioria das vezes muito bem aceita pelos alunos, em função da possibilidade de sair da rotina escolar de sala de aula, e é um instrumento didático importante no ensino de Geografia, uma ciência que se encarrega de explicar os fenômenos resultantes da relação sociedade/espço. Outras expressões comumente são utilizadas para se referir a este tipo de atividade como: aula de campo, pesquisa de campo e outras. (SOUZA & PEREIRA. P.02, 2007).

Considera-se, porém que todo estudo de campo deve ser subsidiado por uma abordagem teórica de suporte, pois a teoria é indispensável para que ele não se reduza a apenas um empirismo pautado na observação e descrição dos objetos visíveis de leitura reducionista.

## ASPECTOS METODOLÓGICOS

A metodologia adotada para o trabalho de campo realizado no âmbito da disciplina Geografia Regional da Paraíba constou de um planejamento inicial e da sua execução propriamente dita. A etapa de planejamento compreendeu:

a) definição do objetivo do trabalho. Para definir este objetivo levou-se em conta a metodologia adotada na disciplina e o seu conteúdo e privilegiou-se o estudo integrado das paisagens regionais da Paraíba complementado pela utilização de práticas e técnicas de pesquisa aplicadas ao estudo do rural, do urbano e da natureza;

b) escolha da área de estudo. Ainda com base na lógica metodológica da disciplina escolheu-se como objeto de estudo os quatro grandes compartimentos regionais da Paraíba (Zona da Mata, Agreste, Borborema e Sertão). Levou-se em conta o caminho percorrido pela BR-230 até o município de Patos e a rodovia BR-361 até o Vale do Piancó onde fica o município de Itaporanga. Dentro deste percurso selecionaram-se algumas áreas para efetivação de estudos focais e para experiência de pesquisa direta quais sejam: a várzea do rio Paraíba, a Comunidade Juraci Camargo, em Várzea Nova, município de Santa Rita (anteriormente visitados pela professora e com contatos por ela estabelecido previamente com alguns moradores), a Depressão Sublitorânea e os esporões da Borborema, as depressões sertanejas de Patos e do Piancó e o município de Itaporanga no chamado Sertão do Piancó. A escolha dessas áreas foi realizada com base em condições anteriormente construídas ou criadas no decorrer do semestre tais como: contatos com representantes de órgãos públicos, de ONGs, do setor empresarial industrial, com hotéis e pousadas e com familiares de um dos monitores.

c) contatos preliminares preparatórios do trabalho de campo. A partir de contato com familiares de um dos monitores residente no município de Itaporanga, obteve-se os telefones de pessoas ou órgãos públicos e ONGs que deveriam atuar como facilitadores do trabalho de campo no município. Assim foi possível contactar: um representante da Emater local, o presidente da UMACRI (União das Comunidades Rurais de Itaporanga) e representante local da ASA (Articulação do Semi-Árido), Sr. Manoel Osmino Clementino; um empresário, Sr. Divaldo Dantas, proprietário de uma indústria têxtil. Com estes foram marcados horários para realização de entrevistas, visitas as fábricas e a pequenas unidades de produção agropecuária. Na comunidade Juraci Camargo, como foi anteriormente mencionado os contatos já haviam sido estabelecidos previamente pela professora com alguns moradores.

d) treinamento dos alunos para elaboração de questionários de pesquisa e para sua aplicação. Este treinamento foi realizado em sala de aula. Foram expostos os objetivos da pesquisa que se pretendia realizar na Comunidade Juraci Camargo e uma breve descrição da mesma. O mesmo foi feito com relação ao questionário que deveria ser aplicado na feira livre de Itaporanga. Os questionários base foram apresentados e discutidos além de complementados com sugestões dos estudantes e monitores seguindo toda a lógica teórico-metodológica norteadora da disciplina.

A execução do Projeto por sua vez compreendeu:

a) a utilização da técnica de descrição e análise da paisagem durante todo o percurso, a aplicação de questionários e a realização de entrevistas. A descrição analítica da paisagem foi realizada pela professora Emilia usando microfone. Em cada parada ela recuperava a discussão levada a efeito e mostrava na paisagem os elementos visíveis e invisíveis da sua produção/reprodução;

b) a pesquisa direta com a participação dos alunos, da responsável pela disciplina e dos monitores compreendeu: i) a aplicação de um questionário por aluno na Comunidade Juraci Camargo. Nesta os alunos foram distribuídos pelas diversas ruas de modo que se obtivesse uma amostra do conjunto da realidade. Foram aplicados 28 questionários; ii) a aplicação de questionários por grupo de 2 alunos, acompanhados pelos monitores e pela professora na feira livre de Itaporanga; iii) a realização de entrevistas. As entrevistas com um industrial e com pequenos produtores rurais e o representante da UMACRI e também da ASA em Itaporanga foi realizada pela professora com a participação dos estudantes. A idéia era demonstrar essa técnica aos alunos e permitir o exercício da mesma por eles como uma aula prática de ensino-pesquisa e extensão integrados; iiiii) visita à Indústria Itatex. Após a entrevista os integrantes do Projeto tiveram a oportunidade de conhecer o processo produtivo de panos de prato e de chão da empresa e as condições de trabalho dos operários; iiiiii) visita à zona rural de Itaporanga. Nesta visita orientada e comentada pelo Sr. Manoel Osmino Clementino (UMACRI-ASA) foi possível conhecer um pouco a realidade do campo. Duas entrevistas foram também realizadas pela professora com a participação dos estudantes e monitores com dois

chefes de família sendo um, uma agricultora parceira residente numa grande propriedade de terceiros e outro, um pequeno proprietário, na sua unidade produtiva.

Com base nesse trabalho estruturamos este artigo em três partes: a introdução que inclui os aspectos teóricos e a metodologia utilizada, um item sobre a descrição detalhada do trabalho de campo e dos resultados obtidos e as considerações finais.

#### Da Zona da Mata ao Sertão: conhecendo a Paraíba – alguns resultados

O trabalho de campo teve início no campus I da UFPB em João Pessoa - PB, de onde partimos rumo a Comunidade Juracy Camargo. Neste percurso foi feita uma descrição geográfica da Mesorregião da Mata Paraibana, ressaltando seu processo histórico de ocupação e suas características físicas.

Foi analisado o modo como está organizado o espaço urbano do município de João Pessoa mostrando as desigualdades presentes na sua expansão, já que ao sul da cidade predominam os bairros de classe média média à classe média baixa, enquanto que ao norte a ocupação se dá pelas classes média alta e alta. Na mesorregião em que o município de João Pessoa se localiza uma das importantes unidades morfológicas constitui os tabuleiros costeiros, de topos planos onde são encontrados solos arenosos, pobres e lixiviados. Durante muito tempo essas áreas foram cobertas por Cerrados típicos e pela Mata Atlântica. Esta concentrava-se também nas várzeas destacando-se no itinerário da aula de campo a várzea do rio Paraíba. A atividade canavieira desde o período colonial imprimiu sua marca nessa paisagem, porém restringiu-se até a década de 70 do século XX às áreas de várzea. Com o Proalcool ela subiu os tabuleiros e substituiu a Mata e o Cerrado. Da Mata Atlântica o que resta hoje são algumas manchas com espécies que testemunham a grandiosidade de uma das florestas mais ricas em biodiversidade do planeta, com espécies típicas como o pau d'arco, o jatobá, o pau-brasil além de lianas e epífitas. A Mata do Buraquinho como era conhecida a mancha de Mata Atlântica situada logo ao lado do Campus I da UFPB é um exemplo de resíduo desta formação florestal.

Seguindo em direção ao Oeste(W), observamos o fenômeno da conurbação das cidades de João Pessoa e Bayeux, chamando atenção para o bairro Jardim Aeroporto que se destaca como uma área nobre em relação às áreas do município de que se situam ao norte da BR-230. Continuando o percurso paramos na Comunidade Juracy Camargo, em Várzea Nova, município de Santa Rita, onde realizamos uma pesquisa direta com aplicação de questionários junto a população residente. Evidenciamos uma condição de extrema pobreza, onde o saneamento básico é precário e as condições de emprego e renda são difíceis. A maior parte dos moradores trabalha no setor terciário informal do município de João Pessoa.

Seguimos pela BR-230, onde observamos a presença de empresas de extração de água mineral cuja presença acha-se relacionada às condições morfológicas, geológicas e

hídricas da região associadas as boas condições de pluviosidade. A presença nos tabuleiros de ressurgências ou fontes de águas minerais é marcante no município de Santa Rita.

Fizemos uma parada no rio Paraíba, na altura do município de Cruz do Espírito Santo onde o rio faz um “cotovelo”. Observamos a existência de três terraços fluviais, e a extração de areia no leito do rio. Essa atividade tem sido objeto de discussão entre ambientalistas e empresas da construção civil em torno da degradação e/ou da redução do rio.

Saindo dessa área alcançamos o Agreste Baixo da Paraíba e o seu primeiro grande compartimento geomorfológico denominado Depressão Sublitorânea. Este caracteriza-se por apresentar um relevo rebaixado em relação as áreas vizinhas, com altitude variando de 80-150m; o clima dessa área apresenta-se como subúmido, com uma pluviosidade média de 800 mm/a e as temperaturas em média de 26°C a 28°C, os ventos úmidos provenientes de sudeste ascendem o que favorece a diminuição da umidade que alcança índices médios de 78%. Os sedimentos do Grupo Barreiras que a recobriam foram retirados expondo o embasamento cristalino. Apresenta-se como uma planície semi-colinosa, de topos semi-arredondados e vertentes no geral convexas. A vegetação original encontra-se quase que totalmente substituída por plantações de pasto e pela agricultura. Nessa área a pecuária é a atividade dominante embora sua ocupação tenha se dado inicialmente com base na policultura alimentar sendo a pecuária apenas uma atividade complementar.

Ainda no Agreste Baixo ao longo da BR-230, surge aos nossos olhos o distrito de Cajá, pertencente ao município de Caldas Brandão. Este teve sua origem relacionada à expulsão do campo de pequenos agricultores, moradores e arrendatários na década de 75/85 devido a expansão da cana-de-açúcar na fase de apogeu do Proalcool. Estudo realizado pelo Grupo de Estudo sobre Saúde e Trabalho em Área Rural (GESTAR) da UFPB, em 1985 identificou nessa área a presença de antigos moradores transformados em assalariados da cana e do abacaxi.

Continuando o percurso em direção ao planalto da Borborema, avistamos na paisagem os primeiros esporões da Borborema, que conformam a área do Piemonte da Borborema apresentando-se destacados do Planalto da Borborema. Antes recobertos por uma Mata de ipê roxo, as encostas desses esporões são hoje utilizados com o plantio de pastagem e de milho para ração ou como área de extração de granito para produção de brita por uma empresa pessoense. Sua fisionomia acha-se portanto totalmente desfigurada denotando a força da ação do homem sobre a natureza.

Na altura do município de Riachão do Bacamarte, atual Assis Chateaubriand esses esporões se fecham formando a Escarpa Oriental da Borborema que neste trecho acha-se muito erodida apresentando vertentes íngremes e vales profundos em “V” . São visíveis a presença dos matacões.

No município de Campina Grande, importante pólo comercial e industrial do Agreste visitou-se o Museu do Algodão, onde constatamos a importância da atividade algodoeira para o desenvolvimento do município que antes se chamava Vila Nova da Rainha. O transporte da

matéria-prima era feito em lombos de burros por tropeiros e depois com construção da ferrovia o transporte do algodão passou a ser feito de trem até o porto de Recife, onde era exportado para a Inglaterra. A instalação da Universidade transformou a cidade de Campina num importante centro universitário que atrai estudantes do interior do estado e de outros estados do Brasil.

Saindo de em Campina Grande em direção ao Agreste ocidental, adentramos na Superfície Elevada Aplainada da Borborema. Nessa área observamos na paisagem a transição entre as áreas subúmidas do Agreste Alto e as áreas mais secas do estado formadas pelas regiões do sertão do Cariri e do Sertão do Seridó. Na altura de Pocinhos é visível a transformação da paisagem onde os restos de vegetação de Mata e o aglomerado urbano da grande Campina Grande cedem lugar a uma área de concentração de facheiros de solos rasos e de caatinga rala. É a passagem para o semi-árido propriamente dito que se anuncia, acompanhada de uma mudança significativa na forma de uso do solo. Uma atividade pecuária mais extensiva predomina nessa área. De Pocinhos alcançamos o município de Soledade, que se destaca pela produção de leite, de queijo, de manteiga da terra e doce de leite. A renda desse município deve-se em grande parte também a atividade comercial pelo fato de sua sede se constituir um ponto de passagem entre o litoral e o sertão paraibano, com a presença de restaurantes que fornecem refeições aos viajantes.

Na mesorregião da Borborema, a microrregião do Seridó Oriental, se destaca como uma região de extração de minérios, principalmente o caulim. Nessa microrregião destacam-se os municípios de Juazeirinho e Junco do Seridó, com extrações de quartzito, dolomita, bentonita, argilas montmoriloníticas entre outros minérios. Afastando-se da sede desse último município, destacam-se na paisagem as chapadas sedimentares que se sobrepõem ao cristalino se caracterizando por apresentar topo tabular.

Seguindo o campo, chegamos na Escarpa Ocidental da Borborema, que por estar localizada a sotavento diferencia-se da Escarpa Oriental por ser mais seca que esta. Chama atenção a Serra de Santa Luzia com 8 km de descida em direção aos pediplanos sertanejos. As encostas se encontram bastante degradadas, com escorregamento de lama em alguns dos seus trechos levando ao soterramento de muitas árvores. Os vales se apresentam profundos em forma de “V”.

Ao descer a encosta íngreme nos deparamos com os pediplanos sertanejos, que se tratam de áreas que sofreram rebaixamento ao longo de um tempo geológico em que se alternaram períodos climáticos úmidos e secos e que se encontram pontilhados por “inselbergs”, que são maciços residuais, testemunhos de um relevo pré-existente e que se encontram isolados dos conjuntos serranos. Os mais clássicos estão localizados na região de Patos, praticamente sem cobertura vegetal e com vertentes abruptas (*knick*) o que os diferenciam de outros morros testemunhos que no futuro poderão vir a se tornar um *inselberg*, embora alguns estudiosos já assim os considerem.

Ao chegar no município de Patos, já no Sertão Paraibano, em microrregião homônima ao nome do município, constata-se uma cidade em pleno desenvolvimento, contribuindo para tal condição, principalmente, o setor terciário, isto é, o setor de serviços que se situa nesta localidade e o desenvolvimento de um pólo industrial calçadista e coureiro entre outros.

Finalmente chegamos ao destino, Itaporanga, ainda no Sertão, na microrregião geográfica de mesmo nome do município, com população de 22.433 habitantes. Nele, tivemos a oportunidade de visitar a feira livre que se apresenta muito dinâmica e diversificada. Os produtos comercializados, a exemplo das frutas, verduras, legumes e cereais são provenientes do próprio município ou de regiões mais distantes como o município de Juazeiro no estado da Bahia e Campina Grande. Visitamos também uma Indústria Têxtil (ITATEX), responsável pela absorção de grande quantidade de mão-de-obra. Verificou-se como ocorre a produção e o trabalho numa unidade fabril e obtivemos um relato muito importante de como um simples vendedor de rede ambulante através do trabalho persistente conseguiu se transformar num empresário que emprega grande número de trabalhadores da região e com isso diminui a pressão sobre a terra e o desemprego na área. Com isso não se quer dizer que as condições do trabalho operário assalariado não são de exploração. Apenas demonstrar que certos empreendimentos podem transformar a dinâmica do emprego e da renda de uma localidade. Visitamos também algumas pequenas unidades de produção rurais onde foi possível conhecer de perto relações de trabalho típicas do Sertão como o sistema de parceria e confrontar a realidade do pequeno agricultor e sua lógica de convivência/sobrevivência em terras submetidas à semi-aridez.

## **CONCLUSÃO**

A partir da experiência vivenciada com o trabalho de campo realizado no âmbito do programa de Monitoria, pudemos complementar nosso conhecimento, confirmando através do estudo de campo o que foi ensinado em sala de aula: que o espaço produzido socialmente constitui “o resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais” (SANTOS, 1996: p.71). “Enquanto tal, não é algo dado e acabado, mas algo dinâmico, determinado historicamente, um produto da ação do homem sobre a natureza e das relações que se estabelecem entre os homens através do processo de trabalho ao longo do tempo histórico” (MOREIRA, 2007: p.10). Visto por este prisma o espaço paraibano como afirma Moreira, não é “um espaço neutro, nem amorfo, nem destituído de vida. Ao contrário, enquanto fruto do trabalho é algo dinâmico, em constante processo de transformação, preche de historicidade. Tendo se constituído como resultado de uma sociedade moldada segundo o modelo capitalista de desenvolvimento ele reflete as características desse modelo” (2007:p.11).

**REFERÊNCIAS**

CARVALHO, Maria Gelza R. F. de. Estado da Paraíba: classificação geomorfológica. João Pessoa: Editora Universitária (UFPB), 1982.

MOREIRA, Emilia de Rodat F. O Espaço Natural Paraibano. João Pessoa: DGEOC, 2006 (mimeo).

\_\_\_\_\_. O espaço enquanto produto do trabalho. João Pessoa: *Revista do LOGEPA* Série Texto Didático, 2005.

MOREIRA, Emilia e, TARGINO, Ivan. Capítulos de Geografia Agrária da Paraíba. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1997.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço – técnica e tempo – razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1<sup>a</sup> ed., 1996

SOUZA, José Carlos e PEREIRA, Rodrigo Magalhães. Uma Reflexão Acerca da Importância do Trabalho de Campo e sua aplicabilidade no ensino de Geografia. In: *Revista Mirante*. 2<sup>a</sup> ed., Vol.1, n. 1, 2007.